

CULTURA ESCOLAR NOS ANOS FINAIS DO ENSINO MÉDIO: OBSERVAÇÕES E APONTAMENTOS NO PIBID HISTÓRIA, CAMPUS ERECHIM

Luana da Silva Oliveira¹
Vicenzo Gostinski Bieseki²
Halferd Carlos Ribeiro Junior³

INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura, a partir das discussões e leituras realizadas no PIBID em reuniões com carga horária de duas horas, além de duas horas de imersão em sala de aula e quatro horas estudos individuais semanais, construir um relato sobre as observações da cultura escolar, com foco nessas três principais características: a sobreposição entre trabalho e educação; o uso do celular em sala de aula; o preconceito étnico, racial e de gênero em sala de aula.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) funciona como um primeiro contato entre o estudante de licenciatura e a sala de aula. No curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Erechim, as atividades consistem em observações semanais de aulas de História em escolas da rede estadual de Erechim, bem como reuniões entre orientadores, bolsistas e voluntários para desenvolvimento de leituras, abordagens e discussões, que visam potencializar a efetividade do programa.

A gestão 2022/2024 realizou diversos encontros para investigar e discorrer sobre a cultura escolar, mediados pelos orientadores e com base em referências bibliográficas, com ênfase nos trabalhos de Julia (2001). Após isso foi designado que cada dupla de observação analisasse o contexto da sala de aula que acompanha, em busca de manifestações da cultura escolar e suas características naquele local.

No terceiro ano de uma escola não-central da cidade de Erechim, Rio Grande do Sul, foram notáveis e sobressalentes três pontos comportamentais da turma 32. Os estudantes são colegas a muito tempo e parecem ter intimidade interpessoal. A maioria deles possui entre 17 e 18 anos de idade. Por conta da idade e, muitas vezes, pelas condições financeiras familiares, grande parte dos estudantes divide seu tempo entre estudos e trabalho profissional assalariado. Isso gera uma dinâmica de não priorização da educação, que transpassa no comportamento e nas relações em sala de aula.

Outro aspecto muito marcante nessa turma é o uso do celular em sala de aula. Mesmo com a proibição em lei, a pandemia trouxe uma nova relação entre tecnologias e a sala de aula. Porém, ao mesmo tempo que surgem benefícios e inovações, os discentes desenvolveram uma grande dependência desses aparelhos, exercendo um movimento de resistência à autoridade do professor e da gestão. Por fim, é impossível deixar de ressaltar as manifestações e falas preconceituosas que surgem nessa turma. Diversas vezes, os estudantes fizeram falas que infringiam

¹ Acadêmico(a) do Curso de História– Licenciatura. Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim. lo11062001@gmail.com

² Acadêmico do Curso de História – Licenciatura. Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim. vicenzogostinski@gmail.com

³ Licenciado, Bacharel e Mestre em História pela UNESP/Franca, Doutor em Educação FE/UNICAMP. Professor da UFFS. Halferd.junior@uffs.edu.br

direitos e atacavam grupos sociais e étnicos. São destacáveis os preconceitos com indígenas, negros, mulheres e pessoas LGBTQIA+. Para tentar entender de onde surgem e como se mantêm esses discursos, os pibidianos exerceram uma aproximação ao conceito de “cultura escolar”, fundamental para entender o desenvolvimento de comportamentos e atitudes estudantis, já que considera, além do ambiente escolar, as influências externas à escola.

1 METODOLOGIA

A metodologia é de natureza teórica-empírica, contando com observação em sala de aula, bem como leituras, pesquisas e diálogos em reuniões semanais do PIBID, sendo utilizada uma abordagem qualitativa com fins exploratórios. Entre as bibliografias utilizadas como fundamentação teórica para as observações, destaca-se Julia (2001). Além disso, houve registro de documentação direta (observação). O principal método de estudo utilizado foi o indutivo com procedimentos comparativos entre as análises teóricas e observações práticas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Cultura escolar é o conceito que define uma ampla cadeia de relações que definem o funcionamento de um ambiente educador. Dominique Julia (2001) diferencia algumas formas em que essas relações se apresentam, sendo uma delas mais formal, envolvendo as normas e o funcionamento da escola enquanto instituição. Essa primeira cultura, vai definir as normas e práticas que permitem o processo de construção de conhecimento, variando de acordo com o contexto em que é exercida a prática pedagógica e a gestão.

Enquanto isso, no pátio, no muro atrás da escola, nos corredores ou nas conversas paralelas, emerge outra forma de cultura escolar, muito mais relacionada aos estudantes e suas individualidades (JULIA, 2001).

Ambas essas culturas, ainda terão forte influência da sociedade que rodeia essa escola, exercido pelo ambiente espacial físico da escola, pelas relações políticas, pelas organizações familiares e pelos grupos sociais (JULIA, 2001). Esse caldeirão cultural que a escola cria, gera um grande desafio para o docente, que se vê ao mesmo tempo como membro dessa dinâmica, sendo mais associado com um sujeito mais formal e com maior autoridade, ao mesmo tempo que tem contato direto com a organização e formas de expressão estudantil. Essa difícil relação ainda é complexificada pela necessidade de estabelecer a construção de conhecimento efetivo.

O PIBID surge, então, como um forte aliado do docente em formação para estabelecer o primeiro contato com esse sistema, contribuindo imensamente na caminhada e construção do profissional. Nesse sentido, o PIBID do curso de História da UFFS – Erechim, levantou debates e discussões teóricas que somassem aos momentos de observação. Durante a jornada para conhecer a escola e suas estruturas, tanto macro, quanto micro, surgiu o tema sobre a cultura escolar.

A consolidação de embasamentos teóricos, levou à tentativa de síntese e observação da cultura escolar nas turmas observadas em duplas. A observação da turma escolhida foi realizada por dois bolsistas do PIBID da seguinte forma: primeiramente, em visitas sem interação com os estudantes, permanecendo em sala de aula como observadores por dois períodos de 50 minutos por semana. As

anotações e observações feitas foram levadas para os encontros semanais com os orientadores e supervisores do PIBID, trazendo à tona algumas questões referentes à cultura escolar daquele ambiente que serviram de objeto para problematizações.

Primeiramente, é explorada e analisada a dupla jornada estudantil, que leva a dispersão e desinteresse com a educação. Em um segundo momento, são alvo de reflexão as relações dos estudantes e da sala de aula com as tecnologias. A terceira questão levantada se refere ao discurso de alguns estudantes sobre etnias, raças e gêneros. As atitudes preconceituosas, relacionadas a cultura do ódio, estimulada no Brasil nos últimos anos, geraram algumas reflexões no que tange à Lei Nº 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena na rede de ensino (BRASIL, 2008).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Pibid possibilita uma melhor preparação para o ingresso na vida como docente, principalmente para aqueles que buscam ser um agente de mudança na educação e não apenas um educador que deposita seus conhecimentos em seus educandos.

Dessa forma, entender qual a melhor saída para superar ou enfrentar os desafios contemporâneos da educação brasileira é de suma importância e foi essa a intenção das discussões e leituras realizadas até então em nossas reuniões, onde foi possível entender que existe uma possibilidade de modificação nos desafios através do estudo da cultura escolar que compõe a escola ou até mesmo uma classe.

A análise da turma feita até aqui nos faz pensar quais são as necessidades que ela possui, algumas falas e comportamentos vistos chamaram nossa atenção, onde conseguimos destacar alguns pontos como: o uso de celular em sala de aula, preconceitos em relação a gênero, étnicos e raciais, também nos detemos ao cansaço da turma já que boa parte possui seus empregos em turnos inversos.

Uma aula ministrada para uma classe que no turno inverso está trabalhando e algumas vezes até tendo que faltar em determinadas aulas por estarem fazendo horas extras em seus locais de trabalho é de difícil condução e fingir que isso não afeta a qualidade de tal não ajuda em nada, na verdade, até dificulta ainda mais o andamento, pois os alunos que estão passando pela dupla jornada terão dificuldades no aprendizado e em manter a atenção em todos os conteúdos que estão sendo ministrados em um curto período.

Como se já não bastasse só a dispersão pelo cansaço do dia a dia, ainda há a necessidade de uma certa competição enfrentada pelo professor para que a atenção dos seus alunos seja voltada para o conteúdo, sendo que existe um foco maior dos educandos em seus celulares que trazem uma diversidade de assuntos proporcionados pela tecnologia.

Outra ocorrência que chamou nossa atenção como mencionado ainda no segundo parágrafo é a existência de algumas falas pejorativas e preconceituosas, sendo que boa parte delas vem de um senso comum propagando com frequência nos últimos anos.

Tomar nota desses acontecimentos em uma sala de aula nos mostra como é importante estarmos atentos sobre a cultura escolar, pois como salienta Faria et al. (2022, p. 345):

É oportuno salientar que quando se trata de compreender a cultura escolar de forma ampla, deve-se ter em mente a discussão sobre o que está sendo ensinado nas escolas em termos de conteúdos, metodologias e de debates sobre a responsabilidade da formação na sociedade.

Sendo assim, ao analisar as dificuldades será possível pensar em como lidar com elas nas metodologias, debates e conteúdo, por exemplo, boa parte das falas dos alunos que são preconceituosas podem ser disseminadas no ensino de História. A utilização das tecnologias em sala de aula pode estar na metodologia. Ao entender a cultura escolar existente também é possível compreender e debater sobre a necessidade do jovem que ocupa uma cadeira na turma de estar inserido no mundo do trabalho, pois para esse é a única forma de sustento próprio ou até mesmo para ajudar nas despesas da família, e assim compreendemos que a escola já não é mais a única coisa importante em suas vidas. Dessa forma, mencionamos novamente Faria et al. (2022, p. 350):

Quando se trata de propostas de ensino, é bom ressaltar que este não pode vir apartado da prática, ou seja, divorciado da realidade. É necessário criar condições práticas e eficazes para que os projetos se realizem manifestando o seu caráter educativo e transformador da realidade.

O resultado das obras lidas até aqui com a observação da turma nos remete a importância e a necessidade de não apenas uma compreensão da cultura escolar, mas o uso desse conhecimento dentro do ensino.

CONCLUSÃO

Para que não se perca de vista os três pontos que foram colocados nesse resumo devemos salientar que não é possível deixar de lado o olhar problematizador, devemos esmerilar nos estudantes que possuem uma jornada dupla e que não veem a escola como algo importante, precisamos notar que o uso de tecnologia nas salas de aulas já se tornou algo normalizado e como elas podem ser usadas em favor da educação aos discursos preconceituosos ocorridos em sala de aula cabe a nós futuros docentes consumir tais com o conhecimento que será passado os nossos alunos, lembrando que não estamos buscando apenas depositar como fazemos em um banco, mas sim libertar através da educação. Para isso ocorrer não podemos deixar de acolher nossos alunos, buscar conhecer a realidade vivida por eles facilitará na jornada de aprendizagem e ensino.

O acolhimento e observação das condições dos estudantes é fundamental para a construção da prática docente efetiva. Nesse sentido, o PIBID mostra-se fundamental para a compreensão dessa dinâmica para o docente ainda em formação, já que o prepara para o contato com diferentes influências dentro de uma sala de aula, discrepantes daquelas que são comumente disseminadas nesse ambiente mais formal de construção de conhecimento.

Concluimos que para uma melhor ciência do que uma turma necessita e quais são seus anseios precisamos fazer a leitura da cultura escolar que a cerca, após obter as respostas às nossas dúvidas é possível uma produção de um ensino com mais resultado. Entender quem são os nossos educandos e as necessidades ajudam na produção de uma aula mais participativa, produtiva e dentro da realidade

que esses se encontram, além de proporcionar uma mudança de pensamento e sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B.; SILVA, M. G. M. **Currículo, tecnologia e cultura digital: Espaços e tempos de Web Currículo**. Revista e-curriculum, São Paulo, SP, v.7, n.1, Abr./2011.

BRASIL. **Lei Nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2008.

CAETANO, Paloma Mariana. **Entre a escola e o trabalho: experiências de jovens trabalhadores em Marechal Cândido Rondon** – PR.. In: Anais do XVII Congresso Internacional das Jornadas de Educação Histórica - Teoria, Pesquisa e Prática. Anais...Foz do Iguaçu(PR) UNILA, 2017. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/jornadaseh2017/78049-ENTRE-A-ESCOLA-E-O-TRABALHO--EXPERIENCIAS-DE-JOVENS-TRABALHADORES-EM-MARECHAL-CANDIDO-RONDON--PR>. Acesso em: 08/10/2023.

JULIA, Dominique. **A Cultura Escolar como Objeto Histórico**. Revista brasileira de história da educação n°1 jan./jun. 2001.

FARIA, Ronair Justino de; ALMEIDA, Vasni de; SILVA, Cícero da. Cultura Escolar e Ensino de História: Concepções e Reflexões. **História: Questões & Debates**, [S.l.], v. 70, n. 1, p. 331-356, fev. 2022. ISSN 2447-8261. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/67473>>. Acesso em: 08 out. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/his.v70i1.67473>.